



Olhares sobre mim e o mundo

Ana Lúcia Pereira Ferreira de Quadros¹

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense - IFSul

Resumo: Este trabalho relata uma experiência em artes visuais realizada com os alunos, dos primeiros semestres dos cursos técnicos em Agropecuária e Informática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense do Campus Bagé, tendo como foco temático a produção de retrato e autorretrato em diferentes suportes e meios. O objetivo do trabalho foi buscar uma experiência coletiva sensível, promovendo o conhecimento, aproximação, socialização e integração dos indivíduos através de desenho, fotografia e do uso de tecnologias. Foi discutido e problematizado o conceito de retrato e autorretrato em diferentes momentos da História da Arte, a construção coletiva, o resgate cultural e o uso de novas tecnologias na produção de arte contemporânea. Com o auxílio da câmera digital e de programas de edição de imagem, amplamente utilizado pelos alunos, foi construído um discurso visual coletivo centrado na temática abordada e fundamentado com a produção de texto. Esse contato significativo e reflexivo com a própria imagem, a possibilidade de alterar sua visualidade de diferentes formas e meios, o resgate de memórias e histórias pessoais somado ao fazer coletivo em sala de aula, possibilitou uma reflexão sobre o conhecimento de si mesmo e do mundo ao qual fazem parte.

Palavras-chave: Retrato; autorretrato; construção coletiva; tecnologia.

Este texto foi elaborado a partir de uma experiência em artes visuais realizada com os alunos dos primeiros semestres dos cursos técnicos em Agropecuária e Informática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense do Campus Bagé, tendo como ponto de partida a produção de retratos e autorretratos em diferentes suportes e meios.

O maior desafio do trabalho em arte na atualidade é pensar conteúdos que estejam em sintonia com o momento contemporâneo e com o cotidiano dos alunos. É tarefa do professor propor experiências significativas que dialoguem com a vida de seus alunos. Kastrup (2008, p.54) afirma que “a presença da arte no cotidiano da sala de aula deve ser uma ocasião, não de transmissão de cultura e de um saber, mas de um cultivo de si”. Nessa perspectiva, olhar para si e para o outro, perceber e refletir sobre as semelhanças e diferenças entre os sujeitos, resgatar memórias e

¹ Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Especialização em História e Cultura Brasileira Contemporânea e graduação em Educação Artística com Habilitação em Artes Plásticas pela Universidade da Região da Campanha-Bagé (URCAMP). Professora de Artes Visuais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul) Campus Bagé.



afetividades, criar novas visualidades e promover interação no grupo foram os objetivos desse trabalho.

Nesse sentido, promovendo o conhecimento de si próprio e sua relação com o coletivo e pensando a arte como uma ferramenta de transformação social, partimos para um trabalho em arte que possibilitasse esse encontro entre os sujeitos.

Na primeira prática pedagógica, os alunos foram divididos em duplas e, com o auxílio de blocos de desenho, lápis, câmeras e aparelhos celulares, observando linhas, formas, cores, texturas e contrastes, retrataram o colega por meio da fotografia e do desenho de observação. O objetivo dessa ação era olhar atentamente e sem pressa para o outro, descobrindo e revelando suas especificidades, não só se detendo na aparência externa, mas penetrar no universo do outro, num exercício sensível de olhar em sintonia com a mão. Quem é esse sujeito tão próximo e, ao mesmo tempo, tão desconhecido? Partindo desse questionamento, buscando conhecer o outro, seus gostos, sonhos e preferências, tendo como referência a obra de Alex Fleming, Série Sumaré, foi construído um texto visual híbrido, unindo desenho e poesia, revelando outras identidades e estabelecendo novas relações.

Para Bourriaud (2009, p.23), “a arte contemporânea realmente desenvolve um projeto político quando se empenha em investir e problematizar a esfera das relações”. Nesse sentido, a proposta de ações compartilhadas possibilita a escuta e o diálogo com o outro estabelecendo um espaço de relações significativas.

Pensar a sala de aula como um espaço de construção de conhecimento e de desenvolvimento da sensibilidade estética propondo conexões com outras áreas do conhecimento, amplia a significação do trabalho em arte. Uma atividade que exige atenção e sensibilidade para interpretar, relacionar e compreender a visualidade contemporânea. Como afirma Canton (2009, p.13), “a arte contemporânea pede um olhar curioso, livre de “pré-conceitos”, mas repleto de atenção”.

A fotografia digital se popularizou na sociedade contemporânea, principalmente entre os jovens que utilizam celulares com câmeras, tablets e

ANAIS

25º SEMINÁRIO NACIONAL DE ARTE E EDUCAÇÃO



EDITORA
da
FUNDARTE

smartphones no seu dia a dia. Através dessa tecnologia digital eles registram todas as suas atividades cotidianas, sejam elas individuais ou coletivas. Essas imagens são veiculadas nos sites, blogs e redes sociais, compondo o universo virtual dos alunos. Fotografar a si próprio, ao grupo do qual faz parte é uma prática banal e cotidiana do jovem contemporâneo. Como afirma Machado (2007, p.10), “a arte é sempre produzida com os meios do seu tempo e as artes midiáticas representam a expressão mais avançada da criação artística atual”. Nessa perspectiva, o artista contemporâneo usa os meios que ele tem ao seu dispor, ou seja, toda a tecnologia da vida contemporânea: vídeo, fotografia digital, computador, internet, programas de processamento e edição de imagem, etc. As novas tecnologias invadiram e modificaram a vida cotidiana das pessoas alterando os modos de existir, relacionar-se, perceber e representar o mundo a sua volta. Assim, trabalhar a arte associada às tecnologias usadas pelos alunos, busca aproximar o trabalho com arte do universo dos alunos e também promover uma reflexão sobre o uso que estes fazem dessas tecnologias e suas possibilidades expressivas. Nessa perspectiva, buscou-se aproximar o trabalho de arte na escola desse mundo virtual usando a câmera digital como ferramenta para olhar para si próprio e para o seu entorno. Um exercício estético de conhecimento e construção de identidades, tendo a sua autoimagem como objeto de trabalho e percebendo a fotografia como um meio de criação.

Usar a linguagem fotográfica e os recursos de manipulação e edição de imagem na escola, se justifica por buscar ampliar o olhar e a compreensão da fotografia como experiência estética significativa. Assim as “selfies” que compõem os perfis virtuais dos alunos foram o ponto de partida para a produção de autorretratos em diferentes meios.

Num primeiro momento, foram apresentados e discutidos os conceitos de retrato e autorretrato com gênero artístico em diferentes contextos. Artistas como Rembrandt, Dürer, Van Gogh, Picasso, Vick Muniz e Albano Afonso, entre outros, passaram a fazer parte das pesquisas dos alunos. A medida em que conheciam as poéticas desses artistas, buscavam estabelecer relações mais significativas com o



seu próprio fazer artístico. Desse diálogo surgiu a ideia de adentrar, literalmente, no universo da arte, de fazer parte de uma obra de arte. Assim, os alunos escolheram a obra de um artista para nela se inserirem e numa atividade lúdica criaram imagens híbridas e outras narrativas. Dessas imagens surgiram textos estabelecendo novas identidades.

A hibridação dos meios é uma tendência da arte contemporânea e nesse contexto tecnológico os conteúdos da arte precisam ser pensados em sintonia com esse tempo. Alindo Machado (2010, p.69), afirma que “as imagens agora são mestiças, ou seja, elas são compostas a partir de fontes das mais diversas -parte é fotografia, parte é desenho, parte é vídeo, parte é texto produzido em geradores de caracteres e parte é modelo matemático gerado em computador”. Os artistas utilizam meios de produção diversificados, desde meios tradicionais como o desenho e meios tecnológicos contemporâneos como a fotografia digital, o vídeo e o livro-objeto em suas poéticas. Partindo dessa premissa e buscando dialogar com a produção de arte contemporânea, foi proposto um trabalho com autorretratos fotográficos alterados manualmente. Desenho, pintura, colagem, monotipia e fotografia se conectam na construção de imagens híbridas. São retratos feitos em aula que passam a ser autorretratos quando trabalhados pelos retratados. Autorretratos reconfigurados que criam novos personagens e novas visualidades.

De posse das fotografias impressas, munidos de agulhas e fios, resgatando um fazer tradicional que remete ao universo feminino, foram feitas intervenções com bordado² nas imagens. Cabe aqui ressaltar, que conhecer os trabalhos da artista Rosana Paulino³ e de Mana Morimoto⁴, foi fundamental como referências para a realização dessa ação, já que ambas fazem uso do bordado em seus processos poéticos. Nessa direção, por meio do bordado com fios coloridos sobre as fotos

² Bordado é a técnica de inserir elementos gráficos com auxílio de agulhas e fios variados sobre um tecido. É uma herança portuguesa do universo doméstico feminino bastante explorada ainda hoje, inclusive na produção de arte contemporânea.

³ Rosana Paulino é artista plástica e educadora contemporânea brasileira que se apropria de objetos do cotidiano e de fazeres do domínio exclusivo das mulheres em sua produção. Utiliza tecidos e linhas e o recurso do bordado para modificar o sentido e costurar novos significados.

⁴ Mana Morimoto é uma artista visual japonesa que se apropria de fotos em preto e branco, interferindo com bordado colorido e criando novos sentidos.



impressas em preto e branco, os alunos criaram novas narrativas visuais. As dificuldades e limitações com o uso do material, exigiu um tempo maior para a execução desse trabalho, que resultou num grande mosaico de retratos bordados lembrando uma colcha de retalhos.

Outra prática pedagógica proposta foi de promover o apagamento de partes das imagens, subvertendo a condição intrínseca da fotografia de eternizar seu referente, desconstruindo ou inserindo elementos estranhos na imagem, modificando a aparência, mostrando aquilo que cada um sonha ou imagina para si. Essa proposta promoveu uma reflexão sobre si mesmo, pensando e repensando sobre sua identidade, num fazer que dialoga com a neurose contemporânea das cirurgias plásticas, das próteses e dos tratamentos cosméticos, fazendo refletir sobre os limites possíveis de manipulações e intervenções corporais.

Nosso encontro seguinte aconteceu no laboratório de informática, onde os alunos tiveram a oportunidade de aprofundar as pesquisas sobre a produção dos artistas trabalhados e também conhecer outras poéticas referentes a produção de retrato e autorretrato na contemporaneidade. De posse desse conhecimento, foi possível estabelecer conexões e divergências entre as poéticas, promovendo um amplo debate.

Utilizando novamente o laboratório de informática, buscou-se por meio do uso das ferramentas disponíveis de edição de imagem, analisar e alterar a visualidade das fotografias. Assim teve início o trabalho de manipulação e intervenção digital nas fotografias. Novamente um exercício de olhar, pensar e experimentar as possibilidades expressivas dessa tecnologia na construção da visualidade. Cortar, reenquadrar, recolorir, aumentar o contraste, redimensionar, sobrepor imagens, inserir elementos, são algumas das possibilidades de trabalho dos programas de edição de imagem. Um exercício que aproxima diferentes saberes e tecnologias na construção de novas visualidades, quando o simples ato de fotografar, uma atividade tão banal entre os adolescentes, se transforma em experiência estética. Como afirma Rush (2006, p.182), “Os artistas usam frequentemente o computador para “modificar” suas fotografias, ou seja, alterar digitalmente a fotografia original



para representar uma realidade diferente”. Nesse momento os alunos percebem a fotografia não mais como simples registro da realidade, mas como uma ferramenta artística, ficcional e lúdica, capaz de produzir novas realidades.

Com essas imagens reconfiguradas por meio de procedimentos manuais e digitais, se propôs a criação de um livro-objeto⁵ autobiográfico. A ideia era resgatar as lembranças que cada um carrega consigo e que compõem as histórias e referências de si próprio, mesclando as imagens com objetos significativos, revelando histórias e afetos. Com esse propósito, foi apresentado e discutido o conceito de livro-objeto ou livro de artista como linguagem contemporânea, bem como, a produção de alguns artistas. Essa ação trouxe para o ambiente escolar um pouco da vida dos sujeitos envolvidos, numa relação significativa entre a prática artística e a vida cotidiana.

Na ótica de Bourriaud (2009, p.119), “a prática artística é sempre a relação com o outro, ao mesmo tempo em que constitui uma relação com o mundo”. Nesse sentido, o trabalho coletivo e colaborativo em arte possibilita, na interação com o outro, a percepção de diferentes modos de ser e se relacionar com o mundo. É nesse contexto de colaboração de ideias e ações que se constrói o novo saber. A colaboração é construída dentro do grupo, onde os integrantes compartilham conhecimentos e aprendem a dialogar e respeitar opiniões. Assim, a turma foi dividida em equipes e cada equipe ficou responsável por determinadas tarefas na construção do trabalho coletivo. Construção de painel, edição de vídeo, criação de texto, montagem e mediação, foram tarefas que culminaram com a construção de uma instalação coletiva contendo vídeo, livro-objeto e fotografia. Onde não somente os objetos e imagens são significativos, mas onde o ambiente permite estabelecer relações de identificação e construção de sentido. A avaliação foi feita pelo próprio grupo através de registro escrito, relatando as dificuldades e as aprendizagens. Essa atividade levou os alunos a reconhecerem o retrato e o autorretrato como uma forma de conhecimento e construção de identidade e alteridade. De conhecerem os meios

⁵ Livro-objeto ou Livro de artista é uma obra em forma de livro, inteiramente concebida pelo artista no uso de toda a sua liberdade de relacionar ideias e materiais, objetivos e intenções e não se limita a um trabalho de ilustração.



tradicionais, resgatar memórias e usar as tecnologias digitais disponíveis como ferramentas para fazer arte, ampliando o entendimento das linguagens contemporâneas, bem como superarem dificuldades técnicas e relacionais.

Considerações Finais

O trabalho buscou aproximar a arte da vida cotidiana dos alunos, através do contato com a produção de arte contemporânea, do resgate de memórias e referências de si próprio, reativando antigos saberes e explorando as tecnologias digitais que fazem parte do universo dos jovens. Essa atividade lúdica de trabalhar com a autoimagem, dialogando com poéticas contemporâneas, possibilitou uma aproximação significativa dos alunos com a produção de arte. A atitude de se apropriar de retratos de si próprios feitos por outro, e alterá-los manualmente ou digitalmente, revela um olhar sobre si próprio e sobre o mundo, diferente do habitual, pensando o autorretrato como uma narrativa autobiográfica.

Com o advento da tecnologia digital, ocorreu profundas mudanças na criação e percepção de imagens. Hoje as imagens podem ser criadas a partir de números e manipuladas como em nenhum momento ocorrera. Os amplos recursos dos programas de computador possibilitam a construção de novas visualidades e novos significados. São imagens que sofrem metamorfoses, que se fundem e se transformam em um novo discurso visual. Na ótica da Priscila Arantes (2005, p.177), “As obras de arte em mídias digitais permitem, neste mundo da velocidade e do tempo real, da instantaneidade e da “falta de tempo”, parar o tempo para um segundo de reflexão, realizando uma espécie de metacomunicação, de reflexão e olhar sobre o mundo que nos rodeia”.

Na tentativa de estabelecer relações significativas entre o trabalho com arte na escola e a vida cotidiana, criando uma rede de significados, surgiu a proposta de construção de um livro-objeto. Um desafio, baseado no resgate das memórias e afetos, pautado no ver, no fazer e no refletir, entendendo a arte como um produto das relações do homem com o mundo. Um objeto autobiográfico, em diferentes suportes, contendo as lembranças e histórias de cada um. Assim arte, memória e



tecnologia se articulam proporcionando uma experiência estética coletiva e significativa na busca de um novo diálogo com o mundo. Um trabalho colaborativo, em que todos no grupo têm um papel na criação e organização do projeto, criando uma parceria de ações que potencializam todo o processo. Arte e tecnologia, que são partes integrantes do momento contemporâneo, criam um ambiente onde diferentes linguagens, memórias e singularidades dialogam, possibilitando estabelecer relações de identificação e construção de sentido. Trata-se de usar a arte como uma forma de conhecimento de si e do mundo, dentro de um contexto de relações sociais, articulando um processo de desvelamento e criação partilhada de significados.

Referências

ARANTES, Priscila. *@rte e mídia: perspectivas da estética digital*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.

BOURRIAUD, Nicolas. *Estética Relacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CANTON, Kátia. *Tempo e memória*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009. Coleção Temas da Arte Contemporânea.

KASTRUP, Virginia. Da cultura ao cultivo: notas sobre o papel da arte nas escolas. In: *Anais, 21º Seminário Nacional de Arte e Educação*.

MACHADO, Arlindo. *Arte e mídia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

RUSH, Michael. *Novas mídias na arte contemporânea*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.